

Resenha

“Educação Linguística em Línguas Estrangeiras”.

Organizadores: Daniel de Mello Ferraz
e Claudia Jotto Kawachi-Furlan.

Ana Paula de LIMA*

Patrícia Helena da Silva COSTA**

* Doutorado em Educação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Unesp, *Campus* Rio Claro, São Paulo (2019). Coordenadora da área de Línguas Adicionais do Colégio Johann Gauss, São Paulo, São Paulo. Contato: anapl.letras@yahoo.com.br

** Doutorado em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (2020). Professora Doutora Adjunta I da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Uerj, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Contato: patricia.costa@uerj.br

RESENHA

FERRAZ, D. DE M.; KAWACHI-FURLAN, C. J. (org.). *Educação linguística em línguas estrangeiras*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018. 342 p.

A obra “Educação linguística em línguas estrangeiras” é composta por trabalhos desenvolvidos por membros do Grupo de Estudos sobre Educação Crítica em Línguas Estrangeiras (GEEC-LE), vinculado à Universidade Federal do Espírito Santo.

O livro inicia-se com uma introdução, onde os organizadores discutem as semelhanças e diferenças entre os estudos sobre ensino-aprendizagem de línguas e educação linguística. Embora ambos focalizem o ensino por meio da língua/linguagem, incluam práticas linguísticas estruturais e concebam a língua e a linguagem como prática social, os conceitos oriundos desses estudos apontam para diferentes visões de formações docentes e discentes. Os organizadores apresentam, ainda, os 13 textos que, organizados em quatro partes, compõem a coletânea.

Na primeira parte do livro, encontram-se os trabalhos que tratam da educação linguística. No primeiro texto, Daniel de Mello Ferraz, mesmo concordando que o termo “crítico” esteja saturado, defende a necessidade de problematizá-lo. O autor apresenta três perspectivas de “crítico”: 1) como suspensão das verdades e discursos que nos circundam, tendo em vista que se tratam de interpretações contextuais e não de verdades absolutas; 2) como ruptura, que ocorre quando percebemos mudanças em nossas percepções de

Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 25, n. 2, p. 106-109, ago. 2022

Recebido em: 21/06/2022

Aceito em: 31/10/2022

mundo quando nos encontramos com o outro (sujeito ou objeto); e 3) como construção de sentidos, quando desenvolvemos a nossa criticidade. A partir da análise de práticas pedagógicas desenvolvidas em um contexto de formação docente, o autor conclui que é importante discutir a criticidade em todo o currículo, bem como escutar os estudantes, que anseiam por uma educação que seja significativa.

Na sequência, Thalita Rezende, Daniela Ferreira e Rossana Furtado apresentam e discutem os resultados de um projeto desenvolvido nas aulas de língua inglesa com alunos do nono ano do ensino fundamental II, em uma escola da rede municipal situada dentro de um *campus* universitário. O projeto, embasado em teorias advindas do letramento crítico, visual e multicultural, tinha como objetivo problematizar o conceito de liberdade de expressão a partir da análise de pichações encontradas nos arredores da escola. Após discutirem o tema do projeto e as visões dos alunos sobre a pichação e o grafite como formas de expressão artística, os alunos fotografaram pichações estampadas pelo *campus*. De acordo com as autoras, após o registro fotográfico, os alunos, que inicialmente entendiam as pichações como um ato de vandalismo e de depredação do patrimônio público, passaram a compreendê-las como uma forma de luta. Para finalizar o projeto, foi oferecida uma oficina de lambe-lambe, e os alunos produziram cartazes com mensagens que consideravam pertinentes de serem discutidas na escola, momento que eles consideraram o mais interessante do projeto, tendo em vista que puderam se fazer ouvir. A abordagem crítica adotada pela professora permitiu aos alunos compreenderem as pichações como um ato de subversão e de manifestação da cultura popular, bem como tornou o ensino mais significativo para os alunos, configurando-se, assim, como uma prática de educação transformadora.

No texto de Barbra Sabota, Hermindo Elizeu da Silva e Ricardo Regis de Almeida, os autores discutem a educação linguística crítica a partir da escolha de temas para debate em aulas de língua inglesa como uma possibilidade de agenciamento dos participantes de um curso de extensão. Contrapondo visões tradicionalistas de ensino, que focalizam as estruturas linguísticas, os autores sugerem que os alunos selecionem temas a serem discutidos nos encontros, bem como decidam quem mediará a discussão e como ela será conduzida, descentralizando as ações e tornando os alunos corresponsáveis por sua aprendizagem. Ao serem entrevistados, os alunos disseram sentir-se à vontade para expressar suas opiniões e para se posicionarem acerca dos temas de forma ética e respeitosa, evidenciando as potencialidades do trabalho desenvolvido e a necessidade de mais estudos sobre como a educação linguística crítica pode acontecer em contextos educacionais.

No último trabalho que compõe a primeira parte do livro, Macson de Pontes Pereira e Marcia de Oliveira Rocha, pautados na concepção teórica da educação crítica e seus letramentos, relatam suas experiências com o filme “Babel”, em aulas de língua inglesa ministradas em escolas da rede pública de ensino fundamental e ensino médio, no Espírito Santo. Nas turmas de nono ano do ensino fundamental, os alunos assistiram ao filme e debateram as diferenças linguísticas e culturais e a dificuldade de entendimento entre as pessoas para, posteriormente, produzirem um texto. Já os alunos do ensino médio, além do debate, pesquisaram sinopses e comentários sobre o filme para escreverem um resumo e, com apoio de um questionário, produziram um texto. A atividade proposta vai além do ensino estrutural da língua inglesa, permitindo que os alunos desenvolvam a consciência crítica ao entrarem em contato com diferentes situações culturais.

A segunda parte do livro apresenta reflexões epistemológicas na educação linguística e é composta por cinco trabalhos. O primeiro deles, de autoria de Zaira Bomfante dos Santos e Eliane Gonçalves da Costa, embasado em preceitos da semiótica social, analisa o racismo em dois textos postados em uma rede social. As autoras relembram que a história e a cultura dos negros e índios foram apagadas no processo de construção e formação da sociedade brasileira e que se faz urgente descolonizarmos as mentes. Assim, considerando as diferentes culturas e semioses que marcam os discursos que circulam nas mídias e a interação dialógica que ocorre nos ambientes virtuais, as autoras entendem que analisar o modo como esses discursos circulam pode contribuir para a desconstrução de estereótipos e para o desenvolvimento de discursos contra-hegemônicos.

Em seguida, Marianna Cardoso Reis Merlo e Camila Oliveira Fonseca apresentam uma reflexão acerca da formação de professores de língua inglesa em tempos de globalização. Nesse cenário, é importante que os educadores ressignifiquem suas concepções de língua, de linguagem e de conhecimento, contrariando discursos

imperialistas que podem levar à homogeneização cultural. Para tanto, a formação docente deve ocorrer ao longo da vida, permitindo que os professores proporcionem uma educação cada vez mais adequada às necessidades de seus alunos.

Alinhado ao viés crítico e em prol da interculturalidade, Guilherme Jotto Kawachi discute a relação língua e cultura no ensino e aprendizagem de inglês no contexto do Programa de Formação Interdisciplinar Superior (ProfIS) da Universidade Estadual de Campinas, por meio da análise de visões de língua, cultura e de mundo construídas por alunos-participantes ao longo das sequências didáticas elaboradas para as aulas de uma das disciplinas do referido programa. Ao se deparar com discursos estereotipados e concepções estabilizadas de cultura, o autor conclui que a educação crítica, sem a pretensão de ser um caminho fácil ou de fornecer respostas certas ou únicas, configura-se como uma proposta de reflexão, capaz de provocar estranhamentos em relação às práticas pedagógicas.

No capítulo seguinte, Ana Carolina Justiano nos convida a repensar nossos modos de ver a escola pública, principalmente no que diz respeito à pesquisa do ensino de língua estrangeira. A autora propõe que redirecionemos nossos estudos, de forma a entender os sujeitos da escola, como praticantes pensantes e a escola como produtora de conhecimento. Trata-se, portanto, de aguçar os sentidos, aprender a ver, escutar/ouvir e, assim, conhecer, de fato, o chão de escola. Não através do que dizem *sobre* esse espaço, mas pelo o que se pode construir *com* ele. Dessa forma, a autora compreende o ensino de língua como uma prática social e a escola como um contexto epistemologicamente potente de produção de conhecimento, como forma de combate à reprodução de abordagens que acabam por silenciar sujeitos e legitimar hiatos sociais.

No último capítulo da segunda parte, Nara Hiroko Takaki discute o papel do WhatsApp como um ambiente para construção de outros conhecimentos, intersubjetividades e negociações de saberes em contextos de ensino-aprendizagem de línguas/linguagens. Ao analisar as conversas de um grupo de WhatsApp formado por alunos de ensino médio, a autora destaca os espaços de agentividade coletiva construídos pelos participantes a partir de diferentes pontos de vista em torno das temáticas discutidas. Dessa forma, o WhatsApp apresenta-se como uma ferramenta que pode viabilizar um ensino e aprendizagem de línguas/linguagens horizontal e colaborativo, no sentido de direcionar o olhar de professores, alunos e autoridades para propostas que visem a agência, a criatividade e a criticidade.

Compondo a terceira parte do livro, que trata do livro didático na educação linguística em línguas adicionais, o capítulo de Dörthe Uphoff reflete sobre o lugar da criticidade na formação inicial de professores de alemão, a partir da análise de algumas atividades desenvolvidas em uma das disciplinas de licenciatura em língua alemã ofertadas pelo Departamento de Letras Modernas da USP. Por meio da identificação e problematização de categorias preestabelecidas na área de alemão como língua estrangeira, a autora propõe que os professores em formação inicial se posicionem não mais como alunos, mas como professores, a fim de assumirem uma postura crítica e reflexiva perante os processos de ensino e aprendizagem de uma língua.

No segundo e último capítulo da terceira parte do livro, Carlos Tito de Sá Cunha questiona a escassez de livros didáticos de inglês para adultos elaborados por autores brasileiros. Para isso, o autor problematiza a forte presença de materiais importados, fruto da grande influência de agências governamentais anglo-americanas no contexto de ensino de língua inglesa. O autor discute ainda a ausência de diálogo entre as perspectivas críticas existentes no ensino de inglês no mundo e no Brasil e os livros didáticos importados, uma lacuna que acarreta materiais que não respondem à complexidade das práticas sociais nas quais professores, alunos e o próprio contexto de ensino estão envolvidos. O autor conclui o capítulo esperando pela produção de materiais didáticos que atendam às diversidades e diferenças características das interações sociais construídas na/pela linguagem.

A quarta e última parte do livro é também formada por dois capítulos que abordam as contribuições do Projeto de Iniciação Científica Júnior para a educação linguística. O primeiro deles é o texto de Lorena José Corteletti, no qual a autora aborda os desafios, aprendizados e expectativas dos responsáveis pelo desenvolvimento do projeto. Para discutir o papel das línguas estrangeiras na formação de alunos do ensino fundamental e médio na escola pública, o projeto oportuniza o primeiro contato de alunos do ensino médio de uma escola pública

no Espírito Santo com a pesquisa acadêmica, a partir de uma perspectiva crítica e investigativa que embasa as atividades realizadas com os estudantes em questão. Além de propiciar a construção de novos conhecimentos, por parte dos alunos da educação básica, acerca da pesquisa científica, o projeto também possibilita que os demais participantes (coordenador, professora tutora e monitoras) criem inteligibilidades a respeito do ensino de línguas estrangeiras no contexto de uma escola pública.

Encerrando o livro, o segundo capítulo da quarta parte traz o texto de Ana Luíza Henriques Coan. Em seu capítulo, a autora discute a importância da afetividade, ao investigar se uma boa relação com o professor e com a disciplina lecionada influencia no processo de ensino e aprendizagem. Para compreender os dois lados desse processo, a autora aborda a questão da afetividade por meio das experiências de alunos e professores do curso de letras-ínglês da UFES. A análise das respostas dos participantes da pesquisa apontam para o fato de que processos de ensino e aprendizagem orientados pelo afeto e pela amorosidade podem ser fundamentais para a construção de práticas docentes que se distanciem cada vez mais de visões puramente instrumentais de ensino, em prol da criação de ambientes que possibilitem o engajamento crítico dos alunos.

A obra *Educação linguística em línguas estrangeiras* traz importantes contribuições e reflexões acerca do ensino crítico de línguas adicionais. Os trabalhos, além de discutirem aspectos teóricos relacionados ao próprio termo “crítico” e aos multiletramentos, por exemplo, relatam experiências desenvolvidas em diferentes contextos educacionais, enfatizando a importância e a viabilidade de tais práticas na escola e na formação de professores de línguas.